

A semântica no material didático do século XIX em confronto com o livro didático do século XXI

Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento¹

Sônia Maria Nogueira²

Gilberto Freire de Santana³

Resumo: Este artigo pretende discutir o estudo da semântica da Língua Portuguesa no *corpus* “Noções de Grammatica Portugueza”, de Silva Junior e Andrade (1887), em uma perspectiva historiográfica. Entre os objetivos específicos está o de confrontar o ensino de semântica da língua portuguesa do manual didático, de 1887, com a obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2016). Utiliza-se de uma abordagem qualitativa e documental, fundamentada metodologicamente na Historiografia Linguística, privilegiando os três princípios de Köerner (1996); organização proposta por Swiggers (2010), Altman (2012), Batista (2013, 2019), Bastos (2020), Nogueira (2021) entre outros. O embasamento teórico em semântica está centrado em Ilari (1992), Marques (1996), Lyons (1997), Valente (1997), Caçado (2008), Bechara (2009), Henriques (2011) e Abrahão (2018). Como resultado, identificou-se pela amostragem que as obras proporcionam estudo semântico para a apropriação linguística exigida aos alunos do Ensino Secundário, com os fenômenos semânticos da sinonímia, antonímia, paronímia, homonímia e ambiguidade, na obra do século XIX, e, no manual didático do século XXI para o Ensino Médio, constatou-se, além destas, o ensino da polissemia, hiperonímia e hponímia. Assim, o estudo da significação é necessário para promover o desenvolvimento da produção, leitura e interpretação textual.

Palavras-chave: Historiografia linguística. Manual didático. Semântica da língua portuguesa.

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão. Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9532-5689>. E-mail: aparesilvania5@gmail.com.

² Professora na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão-Brasil/IPLAC-Cuba. Graduada em Letras pela Faculdade Riopretense de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto. Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4005-4508>. E-mail: sonianogueira@uemasul.edu.br.

Professor Assistente I da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), coordenador e professor permanente do Curso de Mestrado em Letras da UEMASUL, docente permanente do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Doutorado em Letras, Teoria Literária, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), mestre em Letras, Teoria Literária, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), graduado em Comunicação Social - Jornalismo, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (1981). Membro da Academia Imperatrizense de Letras - AIL. Coordenador do grupo GELITI (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos), certificado pela UEMASUL e registrado no diretório do CNPq, atuando na linha de pesquisa Estudos Literários em Diálogos com outros Saberes e Ensino e Cinema. Interesses de pesquisa: Literatura e imagem; Literatura e ensino; Cinema e ensino; Literatura e adaptação cinematográfica; Estudos literários e outras expressões artísticas (teatro, música e fotografia); Letramento cinematográfico; Estudos da narrativa brasileira; Literatura brasileira moderna e contemporânea; Literatura, arte e cultura: o regional, etnorracial e indígena. Bolsista produtividade UEMASUL (2023-2024). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>. E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

The semantics in 19th century didactic materials in confrontation with 21st century textbooks

Abstract: This article aims to discuss the study of Portuguese Language semantics in the *corpus* "Noções de Grammatica Portugueza", by Silva Junior and Andrade (1887), from a historiographical perspective. Among the specific objectives is to compare the teaching of Portuguese language semantics in the 1887 instructional manual with the work "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem", by Ormundo and Siniscalchi (2016). This research adopts a qualitative and documentary approach, methodologically substantiated in Linguistic Historiography, privileging the three principles Köerner (1996). The organizational framework follows the guidelines presented by Swiggers (2010), Altman (2012), Batista (2013, 2019), Bastos (2020), Nogueira (2021) between others. The theoretical foundation in semantics revolves around Ilari (1992), Marques (1996), Lyons (1997), Valente (1997), Cançado (2008), Bechara (2009), Henriques (2011), and Abrahão (2018). As a result, the sampling identified that both works provide a semantic study for the linguistic appropriation required for high school students. In the 19th-century work, the semantic phenomena of synonymy, antonymy, paronymy, homonymy, and ambiguity are emphasized, while the 21st-century instructional manual for high school, in addition to these, it was noted the includes teachings of polysemy, hypernymy and hyponymy. Thus, the study of meaning is necessary to promote the development of textual production, reading, and interpretation.

Keywords: Linguistic historiography. Textbook. Portuguese language semantics.

Considerações iniciais

O estudo da semântica se apresenta de forma fundamental no ensino da língua portuguesa, devido à necessidade de compreensão, interpretação e produção textual, visto que a assimilação do significado das palavras e seus sentidos no uso da linguagem são de essencial primazia, para o processo de decodificação dos aspectos linguísticos e textuais do ensino da língua materna, promovendo a eficácia no aprendizado de língua portuguesa. Utiliza-se de uma abordagem qualitativa e documental, fundamentada no procedimento metodológico da Historiografia Linguística (doravante HL), privilegiando os princípios da contextualização, imanência e adequação, de Köerner (1996); organização proposta por Swiggers (2010), Altman (2012), Batista (2013, 2019), Palma e Bastos (2019), Bastos (2020), Nogueira (2021) entre outros. O embasamento teórico em semântica está centrado em Ilari (1992), Marques (1996), Lyons (1997), Valente (1997), Cançado (2008), Bechara (2009), Henriques (2011) e Abrahão (2018). O *corpus* trata-se da obra "Noções de Grammatica Portugueza", de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade (1887), e o critério de seleção se deu em virtude de ter sido utilizada no Ensino Secundário da educação brasileira.

Este artigo tem o objetivo geral de discutir o estudo da semântica da língua portuguesa, em uma abordagem historiográfica, e os objetivos específicos: verificar a teoria semântica da língua portuguesa; identificar o momento histórico, político, social, econômico e educacional da segunda metade do século XIX, no Brasil, referente ao princípio da contextualização da HL; analisar a semântica da língua portuguesa no *corpus*, referente ao princípio da imanência da HL; confrontar o ensino de semântica da língua portuguesa do manual didático de 1887 com a obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2016), referente ao princípio da adequação; ampliar o conhecimento da semântica da língua portuguesa, por meio da pesquisa historiográfica.

Os três aspectos que direcionam a análise dos documentos são: introdução, organização e semântica. O artigo apresenta quatro seções: Considerações teórico-metodológicas, com conceituações sobre Historiografia Linguística e Semântica; Sistema educacional no Brasil na segunda metade do século XIX, aborda uma perspectiva histórica do contexto educacional no Brasil neste período, fundamentando a seleção do *corpus*; A semântica em manual didático de língua portuguesa contém os aspectos de análise, além das considerações finais. A seguir, a primeira seção: Considerações teórico-metodológicas.

Considerações teórico-metodológicas

As considerações teórico-metodológicas abordam a Historiografia Linguística, a fim de identificar o momento histórico, político, social, econômico e educacional da segunda metade do século XIX, no Brasil, referente ao princípio da Contextualização da HL, de Köerner (1996); organização proposta por Swiggers (2010), Altman (2012), Batista (2013, 2019), Palma e Bastos (2019), Bastos (2020), Palma e Casagrande (2020), Nogueira (2021), Bastos e

Casagrande (2021); as questões semânticas, centradas em Ilari (1992), Marques (1996), Lyons (1997), Valente (1997), Cançado (2008), Bechara (2009), Henriques (2011) e Abrahão (2018).

Sobre Historiografia Linguística

A metodologia aplicada neste trabalho é a Historiografia Linguística (HL), que tem os objetivos de observar, detectar e interpretar os fatos ocorridos durante todo o processo de desenvolvimento linguístico do *corpus*, sob os aspectos sociocultural e educacional em um determinado momento histórico, orientada por uma combinação de métodos e abordagens específicos. A HL percorreu um árduo percurso até se consolidar como uma disciplina que investiga a transformação do pensamento linguístico desde os seus primeiros registros até a contemporaneidade. Atualmente, “é objeto de novas e relevantes pesquisas, tendo em vista que, durante muito tempo, ela foi considerada como um simples inventário, desprovido de interesse”, aponta Nogueira (2021, p. 19).

Na perspectiva de Swiggers (2010, p. 2), “a Historiografia Linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares [...]”, interagindo com ciências como a linguística, a sociologia, a filosofia, a antropologia e a história. Diante disso, a HL tem o intuito de descrever e explicar como, historicamente, foram transformadas as ideias e práticas linguísticas por meio de parâmetros externos “relativos ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho”, assim como internos “relativos ao conteúdo que trata de descrição e explicação de fenômenos linguísticos”, de acordo com Batista (2013, p. 74). A dimensão extralinguística investigada pela HL abrange aspectos socioeconômicos, geográficos, políticos, culturais, intelectuais em que essas obras foram produzidas. Assim como as correntes filosóficas e ideológicas que desempenharam um papel significativo na maneira como o conhecimento linguístico foi percebido, divulgado e recebido em um determinado recorte temporal. A dimensão intralinguística envolve a compreensão das mudanças ocorridas nas estruturas internas do sistema linguístico.

A HL é uma ciência que busca se ocupar com a criação, produção, recepção e práticas do saber linguístico constituído em um determinado período histórico, responsáveis pela renovação dos saberes e das práticas linguísticas em um processo de continuidade e descontinuidade, intrínseco à procura do conhecimento linguístico. Diante disso, o historiógrafo tem como função “[...] selecionar e interpretar como os problemas linguísticos se constituíram,

se formularam e se reformularam através do tempo. O que pressupõe uma atividade fundada em princípios bem definidos [...]” que exigem precisão e rigor, conforme Altman (2012, p. 2930).

Segundo Bastos e Casagrande (2021, p. 514), a HL “[...] tem como objeto de estudo a seleção, a ordenação e a reconstrução do conhecimento linguístico baseado em interpretações críticas do processo dessa produção contextualizada do ponto de vista histórico, social e cultural”. Assim, a HL ultrapassa as questões do saber linguístico, uma vez que além dos textos publicados e os não publicados de uma determinada época, a HL reconhece que o saber linguístico é composto pela interrelação entre indivíduos que convergem e/ou divergem a respeito desse saber. Além disso, considera como objeto de análise os documentos pessoais de uma comunidade científica.

Swiggers (2010, p. 5, grifo do autor) indica componentes básicos da organização dos estudos em HL, que são: “*estruturas linguísticas/fatos*” – trata-se do *corpus* selecionado para a reflexão linguística; “*reflexão e descrição linguísticas*” – inclui as práticas de análise linguística; “*historiografia linguística*” – constitui-se da narrativa e descrição linguística; “*epihistoriografia*” – abarca o material produzido em pesquisas historiográficas; e a “*metahistoriografia*” – “o campo das atividades reflexivas que tomam por objeto as práticas e os produtos historiográficos”. O historiógrafo busca, pois, utilizar de tais técnicas metodológicas que determinam os objetivos, métodos e formas de expor a narrativa historiográfica, uma vez que legitimam as investigações da HL, fornecendo diretrizes seguras para o estabelecimento da pesquisa historiográfica.

Bastos (2020) ressalta que o historiógrafo atua no âmbito da linguagem, utilizando abordagens teóricas e metodológicas específicas da HL, a partir da descrição e explicação dos fatos sociais, culturais e cognitivos que envolvem o saber linguístico em um dado momento da história com o propósito de estabelecer o conhecimento científico. Diante disso, para uma pesquisa fidedigna e integral, o historiógrafo conduz os estudos da HL pelos princípios da Contextualização, Imanência e Adequação, elaborados por Köerner (1996). Os princípios, orientam metodologicamente o historiógrafo na elaboração dos aspectos organizacionais da pesquisa e no tratamento adequado do material.

O princípio da Contextualização trata dos aspectos extralinguísticos, sendo tarefa do historiógrafo investigar o cenário no qual as ideias e opiniões dos intelectuais predominavam

durante a confecção dos documentos. Além disso, traça os aspectos sociais, educacionais, políticos e culturais do recorte temporal em estudo para um entendimento mais aprofundado a respeito das condições situacionais e dos estímulos que influenciaram os autores e resultaram em um determinado comportamento do saber linguístico para a produção do documento. Assim, a Contextualização tem o objetivo de expor o “[...]‘clima de opinião’ da época em que foi elaborado o documento sob análise”, asseveram Palma e Casagrande (2020, p. 83).

A Imanência é outro importante princípio da HL, segundo Palma e Bastos (2019), que se ocupa em compreender o texto em estudo de forma integral em uma perspectiva histórica, filosófica e crítica. Além disso, o historiógrafo deve empenhar-se em entender a estrutura interna, mantendo a teoria e os termos técnicos originais do texto, evitando qualquer concepção linguística atual. A respeito da Adequação, as autoras afirmam que é um princípio que atua de modo complementar nas dimensões intralinguísticas dos documentos em estudo. As autoras ressaltam que, para a sua execução, é preciso fidelidade aos princípios da Contextualização e Imanência, visto que envolve o desafio de inserir terminologias contemporâneas e “[...] construir um quadro conceitual de trabalho que permita a apreciação dos textos analisados, seus conceitos e teorias, com a constatação das afinidades de significado que subjazem a ambas as definições” afirmam Palma e Bastos (2019, p. 9). Assim, é exigido do historiógrafo a habilidade de considerar as diferenças e semelhanças dos conceitos, teorias e termos linguísticos próprios dos textos de um determinado momento histórico em confronto com os documentos linguísticos atuais.

Sobre semântica

O estudo da semântica da língua portuguesa desempenha um papel fundamental na capacidade de entendimento da significação linguística, pois permite a compreensão e interpretação da língua materna, possibilitando a elaboração de diferentes tipos textuais, e aprimora o desenvolvimento da leitura, contribuindo para uma comunicação eficaz nos diversos contextos e cenários. De acordo com Marques (1996, p. 15), a semântica tem múltiplas definições como “[...] o estudo do significado em linguagem, semântica é a disciplina linguística que estuda o sentido dos elementos formais da língua [...] ou ainda, semântica é o estudo da

significação das formas linguísticas”. Diante disso, a autora levanta uma questão fundamental acerca do conceito de significado, destacando sua natureza abrangente e ambígua, tornando tanto o objeto de estudo da semântica quanto suas definições parciais e insuficientes.

Com efeito, a estudiosa ressalta a importância dos diversos aspectos que o significado produz para a linguagem, ultrapassando as barreiras estabelecidas pela “competência [...] gramatical dos falantes, restrita à sentença e seus constituintes, e tenta explicar dados da chamada competência comunicativa, que transcendem o plano gramatical estrito”, conforme Marques (1996, p. 22). Além da discussão em torno do significado, outro termo que suscita debates é o conceito de sentido. Enquanto alguns teóricos o consideram equivalente ao significado, outros afirmam que há diferenças, dada a amplitude da área de estudo da semântica, visto que existem “[...] vários tipos de semântica claramente diferentes, cada uma com um tema e orientação disciplinar própria: de enfoque linguístico, filosófico, antropológico, psicológico, literário, etc”, evidencia Lyons (1997, p. 16). Assim, a amplitude e multiplicidade de aplicação dos termos sentido e significado é influenciado pelo período histórico, pelas ideias vigentes, pelas teorias e conceitos.

Na perspectiva de Ilari (1992, p. 48), sentido relaciona-se “aos aspectos da significação que são inerentes às palavras, e poderiam ser expressos por meio de palavras ou expressões sinônimas”, enquanto o significado refere-se “aos objetos, isto é, as relações de propriedades do mundo dos quais falamos por meio das palavras”. A distinção proposta pelo autor ressalta a relação de complementaridade entre esses conceitos na construção da significação. Essa conexão intrínseca destaca que o sentido é percebido como a porção linguística contextualizada da significação, relacionada ao enunciado e o significado deve ser entendido como parte integrante de uma significação mais sistematizada e associada à palavra.

A semântica, segundo Valente (1997, p. 187), divide-se entre a semântica descritiva, que estuda a semântica em um determinado “estado da língua”, e a semântica histórica, “responsável por investigar a significação de forma cronológica”. Enquanto a primeira se aplica a dois campos de significação, o denotativo e o conotativo; a segunda procura “estudar as mudanças de sentido por que passa a palavra”. A semântica descritiva compreende alguns fenômenos, incluindo homonímia, polissemia, hponímia, hiperonímia, paronímia, sinonímia, antonímia e ambiguidade. Esses aspectos estão inseridos no “campo de estudo” da Semântica Lexical

responsável pelo “[...] sentido das palavras, estabelecendo relações entre propriedade linguísticas e o sentido dos itens lexicais” (Cançado; Amaral, 2016, p. 16).

Iniciando as definições dos fenômenos semânticos lexicais, as homônimas são palavras que compartilham a mesma grafia e/ou pronúncia, mas divergem no significado. Abrahão (2018, p. 129) explica que, devido a algumas variações, as homônimas são classificadas como: “homófonas homográficas (homônimos perfeitos): palavras iguais na escrita e na pronúncia – são, manga e cabo, por exemplo”. Por sua vez, as homônimas heterofônicas são “[...] palavras iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia – colher (ação, verbo) e colher (utensílio, substantivo)”. Por fim, as homófonas heterográficas apresentam “palavras iguais na pronúncia, mas diferentes na escrita – concertar e consertar, por exemplo”. Diante disso, devido à complexidade do processo homonímico, as construções linguísticas podem provocar duplicidade de interpretação seja de forma intencional ou inadvertida, requerendo atenção cuidadosa para evitar equívocos.

Henriques (2011, p. 86) salienta que a homonímia não deve ser confundida com a polissemia, uma vez que, na primeira, “há duas palavras (e dois significados)”, enquanto na segunda “há apenas uma palavra (e mais de um significado)”. Em consonância com os estudos do autor, Abrahão (2018, p. 129) acrescenta que a polissemia é um aspecto intrínseco a todas as palavras, mesmo quando se trata de homônimos, sendo que “uma propriedade não exclui a outra”, ambas podem coexistir. A autora, evidencia que a homonímia e a polissemia podem, ainda, ser distinguidas pela denotação e conotação. Enquanto as homônimas estão inseridas no âmbito da denotação, pois são palavras que desconsideram o contexto e estão centradas apenas em seu significado literal ou primário. As palavras polissêmicas permitem “conotarem, ou seja, adquirirem cargas semânticas diversas”. Assim, tanto a homonímia quanto a polissemia envolvem a relação de multiplicidade de significados das palavras, demonstrando a flexibilidade da língua.

Além disso, conforme explicam Silveira, Nascimento e Nogueira (2019, p. 1078), “[...] os aspectos semânticos da polissemia e da homonímia são os responsáveis pela ambiguidade [...]”, uma vez que uma palavra pode ter múltipla significação, inviabilizando a eficácia e precisão na compreensão do significado das palavras, tendo como consequência distintas interpretações que podem ser resolvidas somente pelo contexto. A ambiguidade pode ser

resultado de várias influências, tais como o uso de figuras de linguagem, a estrutura sintática das frases e a interpretação contextual das palavras. Cançado (2008) salienta que a ambiguidade desempenha um papel importante na comunicação e contribui com a dinamicidade da linguagem, permitindo criar efeitos estilísticos específicos, de acordo com o propósito comunicativo, como em propagandas publicitárias, charges, *memes* e tirinhas. Entretanto, a estudiosa adverte que a ambiguidade é indesejada em situações de comunicação técnica e formal, pois, nesse contexto, são exigidas clareza e precisão no uso das palavras.

Ao que se refere às paronímias, são pares de palavras que têm alguma semelhança na grafia e na pronúncia, entretanto, o significado é distinto, por exemplo: *eminente* e *iminente*; *emergir* e *imersão*; *descrição* e *discrição*. Sobre os hiperônimos e os hipônimos, são palavras que pertencem ao mesmo campo semântico. A hiperonímia indica uma relação hierárquica de significado mais amplo, abrangente, com palavras pertencentes a um campo semântico restritivo, os hipônimos. Cançado (2008, p. 26, grifo da autora) garante que “o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades da cadeia, é chamado de hipônimo [...]” e o “[...] item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo”, por exemplo “[...] *pastor alemão* é o hipônimo da cadeia apresentada, e *animal*, o hiperônimo”. Outro aspecto semântico é “a sinonímia lexical que ocorre entre pares de palavras e expressões [...]”, conforme explica Cançado (2008, p. 41). Quanto à antonímia, de acordo com a autora, são vocábulos que apresentam sentidos contrários (Cançado, 2008).

Assim, os fenômenos semânticos estão em todas as situações de comunicação do cotidiano, proporcionando a dinamicidade da linguagem. Desse modo, quanto mais o estudante entender as conexões entre as palavras, mais eficiente será a sua habilidade de se comunicar. A seguir, a segunda seção: sistema educacional no Brasil na segunda metade do século XIX.

Sistema educacional no Brasil na segunda metade do século XIX

O processo histórico educacional ocorrido no Brasil, no século XIX, não teve grande êxito nas modificações instituídas pelas leis elaboradas para implementar alterações efetivas no ensino. A educação não era prioridade para a coroa portuguesa no Brasil. E, a partir de 1831,

após a abdicação do regente D. Pedro I, “[...] o Império estava convulsionado por movimentos separatistas [...]. O Ato Adicional de 1834 conseguiu unir tendências radicais e conservadoras”, afirmam Stephanou e Bastos (2005, p. 82). A responsabilidade da educação superior, então, continuou sob a responsabilidade do poder central, e a educação primária, secundária e a formação dos professores, passaram a ser das províncias. Devido à escassez de recursos e instalações inapropriadas, as províncias proporcionavam uma educação deficitária.

Em 1835, foi instituída a Escola Normal no Brasil e “sua organização de Ensino Secundário serviu de parâmetro em todo o país. O seminário de S. Joaquim foi transformado em colégio de instrução secundária [...]”, aponta Nogueira (2015, p. 55). Com efeito, em 1837, esse seminário transformou-se no Colégio Pedro II com o propósito de “atender a elite intelectual, econômica e religiosa brasileira”, constatam Stephanou e Bastos (2005, p. 83). Além disso, o Colégio Pedro II era referência para todas as instituições públicas e particulares de Ensino Secundário do Brasil. O governo, com o propósito de uniformizar o Ensino Secundário no país, iniciou um novo sistema público de educação, com o objetivo de “[...] adotar um plano de estudos integral, estruturado em níveis ou séries [...] organizados com base nos estatutos dos liceus franceses”, acrescentam Stephanou e Bastos (2005, p. 83).

Além disso, “[...] esse colégio era o único autorizado a realizar exames parcelados para conferir grau de bacharel, indispensável para o acesso aos cursos superiores”, afirma Aranha (1998, p. 383). Por volta de 1850, a educação brasileira passou por diversas transformações, influenciadas pelas preocupações educacionais do continente europeu, referentes ao Ensino Secundário e técnico. Para seguir os moldes educacionais europeus, por meio de decreto, o Colégio Pedro II reestruturou a grade curricular do Ensino Secundário, dividindo-a em dois ciclos. O descaso dos órgãos governamentais com o ensino primário permanecia, ocasionando diversos “resultados insatisfatórios advindos de medidas inadequadas tomadas anteriormente”. Por esse motivo, em 1854, a “instrução pública primária foi regulamentada por Decreto Imperial, [...] em uma constatação de que a educação consistia-se um dos temas centrais da Constituinte”, explica Nogueira (2015, p. 55-56).

Ao longo dos anos de 1857 a 1881, a educação brasileira passou por diversas reformulações curriculares, estabelecidas por meio de decretos. As que conseguiam ser implementadas sempre eram desenvolvidas e estruturadas no Colégio Pedro II. Nesse aspecto,

as províncias eram obrigadas a seguir o que era estabelecido pelo colégio modelo, utilizando os mesmos manuais didáticos ou manuais diferentes, porém, com conteúdo semelhante. Fausto Barreto, em 1887, a pedido de Emílgdio Victório, Diretor-Geral da Instrução Pública, elaborou o Programa de Português para os exames preparatórios para o acesso ao ensino superior, com a produção de gramáticas nacionais específicas. Para o cumprimento das propostas de Barreto, foram utilizadas gramáticas desenvolvidas por Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, adotadas no Colégio Pedro II. O programa trouxe novidades da Linguística com análises fonéticas e etimológicas.

O termo semântica e sua definição tiveram seu primeiro registro em material didático brasileiro na gramática de Silva Junior e Lameira 1887. Os autores tinham o objetivo de elaborar uma gramática completa; no entanto, em decorrência do acordo com o programa oficial para exames gerais preparatórios daquele ano, os professores foram obrigados a realizarem modificações em sua primeira edição, escrita em forma de lições. Na segunda edição, reformulada em 1894, a gramática passou por alterações fundamentadas na gramática histórica ou comparativa com a inserção da sintaxe (Blake, 1900). O uso do termo semântica e sua conceituação representam uma inovação para a época e teve propagação rápida, pois, segundo Marques a (1996, p. 33), a primeira menção conhecida ao “vocábulo semântica” foi realizada por Michel Bréal, em 1883 ao conceituá-lo como “ciências das significações”. Em 1903, Silva Junior publicou a obra “Noções de Semântica”, marcando o uso do termo no Brasil, enquanto na Europa sua divulgação se difundia nas primeiras décadas do século XX (Marques, 1996). A seguir a terceira sessão: A semântica em manual didático de língua portuguesa.

A semântica em manual didático de língua portuguesa

A partir das características descritas da HL, este estudo possibilita-nos reconstituir o passado do recorte selecionado (1887) e entender a linguagem da época. Assim, esta seção aborda o princípio da Imanência, proposto por Köerner (1996), com a análise do *corpus* “Noções de Grammatica Portuguesa”, de Silva Junior e Andrade (1887), constituída pelas categorias analíticas da introdução, organização e semântica. Trata-se de manual didático

utilizado nas províncias do Brasil, no período do Império, com a finalidade de instruir o alunado do Ensino Secundário.

Primeiro aspecto de análise: introdução

Para um estudo sólido da HL, Bastos e Palma (2004, p. 23) garantem que o historiógrafo deve estar embasado em algumas motivações. Este estudo está alicerçado na “motivação de fazer a HL”, que envolve “[...] a descrição e explicação de conteúdos de doutrina, inserida em um contexto histórico e científico”. Essa motivação pode ser percebida na execução do princípio da Imanência, uma vez que se inicia a exposição do primeiro aspecto, a Introdução, da obra “Noções de Grammatica Portugueza”, de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade (1887), a partir da apresentação dos autores, professores da capital do Império. O gramático Manuel Pacheco da Silva Júnior nasceu no Rio de Janeiro e foi professor concursado da disciplina de Português e História Literária, no Colégio Pedro II, e produziu algumas obras voltadas ao estudo da gramática língua inglesa e da língua portuguesa, dicionário etimológico, além de “Noções de semântica”, de acordo com Blake (1900, p. 177-178). E o coautor da obra selecionada, Boaventura Plácido Lameira de Andrade, “foi professor no ensino de língua portuguesa na Escola Normal”, conforme Fávero e Molina (2007, p. 30).

A capa da gramática de Silva Junior e Andrade (1887) apresenta informações, tais como objetivo e público-alvo, tendo em vista que seu propósito é oferecer o conteúdo apresentado pelo governo para o alunado do Ensino Secundário; autoria; editor; local e ano de publicação; além dos dizeres “Ainda quando a grammatica historica só dêsse em resultado tornar as grammaticas ordinarias mais logicas e mais simples, já não prestava pequeno serviço”.

Verifica-se, na Apresentação da gramática, que os autores descrevem as intenções pelas quais eles desenvolveram a obra, no entanto, asseveram que, em decorrência do novo programa do governo para os exames preparatórios gerais, necessitaram reestruturá-la, uma vez que “muitos dos pontos nelle exigidos para os exames de portuguez não se encontrando nas grammaticas que por ahi correm impressas, e os alumnos não tendo fontes onde possam haurir a instrucção de que carecem, resolvemos vir ainda uma vez em auxilio da mocidade estudiosa”,

esclarecem Silva Junior e Andrade (1887, p. 2-4). Informam que o conteúdo do programa oficial, apesar de não coincidir com o seu parecer, contém o roteiro apresentado pelo governo.

Segundo aspecto de análise: organização

O segundo aspecto trata da organização, assim, verifica-se que a obra está estruturada em lições, nas quais os autores indicam conceituações e exemplificações com o objetivo de proporcionar ao aluno uma melhor compreensão do conteúdo, entretanto, a obra não contempla atividades. Desse modo, apresenta-se o Quadro 1, de acordo com o Índice, com indicação, apenas, do que será tratado neste artigo, a fim de expor a organização da obra sem alterar seus aspectos:

Quadro 1 – Organização da obra “Noções de Grammatica Portugueza”

INDICE	
1ª lição – Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portuguesa e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes; grupos vocalicos; consoantes, grupos consonantaes; syllaba, grupos syllabicos; vocabulo; notações léxicas.	12ª lição – Agrupamento de palavras por familia e por associação de idéas. Dos synonymos, homonymos e paronymos. 44ª lição – Das anomalias grammaticaes; idiotismos; provincialismos; brazileirismos; dialecto.

Fonte: Elaborado a partir do índice de Silva Junior e Andrade (1887)

A obra é dividida em quarenta e seis lições, a começar pela 1ª lição “Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portuguesa e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes; grupos vocalicos; consoantes, grupos consonantaes; syllaba, grupos syllabicos; vocabulo; notações léxicas...”. Nessa lição, é apresentado o conceito de gramática geral como sendo “o estudo dos factos e das leis da linguagem em toda a sua extensão”, explicam Silva Junior e Andrade (1887, p. 5). Nessa perspectiva, os estudiosos indicam que o objeto da gramática é “[...] o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordinativo, mas tão sómente no domínio da lingua

portuguesa, dos factos da linguagem e das leis que os regem” indicam Silva Junior e Andrade, (1887, p. 7). Para tanto, os gramáticos apresentam as diferenças entre os diversos tipos de gramáticas, suas características, aplicações e usos específicos, orientando o aluno para qual objetivo cada gramática se destina.

Observa-se que a estrutura da gramática segue as tendências teórico-metodológicas do período de sua publicação e uso em sala de aula.

Terceiro aspecto de análise: semântica

A análise da obra em uma perspectiva historiográfica é fundamentada pelo princípio da Imanência, instituída pela HL. Mediante a isso, os aspectos semânticos identificados estão expressos na 12^a *lição* “Agrupamento de palavras por família e por associação de idéas. Dos synonymos, homonymos e paronymos”, classificados como um agrupamento de palavras por famílias e por associação de ideias, e na 44^a *lição* “Das anomalias grammaticas; idiotismos; provincialismos; brazileirismos; dialecto”, a ambiguidade é relacionada a um vício de linguagem.

Quanto ao conceito de família de palavras, na 12^a *lição*, Silva Junior e Andrade (1887, p. 121, grifo do autor) afirmam ser “grupos de vocabulos, que tem entre si certa analogia ou relação de *som, fôrma, sentido* ou *construcção*”. São quatro as famílias de palavras: a filológica, fônica, ideológica e a sintática ou de construção. Nessa perspectiva, os homônimos e parônimos são relacionados à família fônica, uma vez que é “a que se compõe de palavras que – ainda quando de radical differente, e não representando relações de idéas – confundem-se todavia na pronuncia, e ás vezes tambem na grafhia”, tais como “*sella cella, pena penna, ama* (subst.) e *ama* (verbo), *dado* (s.) e *dado* (part.),... *meta méda, séde séde*”, segundo Silva Junior e Andrade (1887, p. 122, grifo do autor).

Nessa perspectiva, os autores conceituam as homonímias em palavras com som e/ou grafia idênticas, porém, com sentidos e significados distintos e as paronímias em palavras de escrita e/ou som parecidos, também, com significações divergentes e, além disso, apresentam alguns exemplos. Em seguida, os gramáticos classificam a família ideológica, a qual se enquadram os sinônimos e os antônimos: “1^o de palavras de radical commum ou differente, mas

cujas relações tem sentido mais ou menos semelhante, ou idêntico: – *amor, amizade, affecto, affection* [...] 2º de palavras representantes de idéas opostas, antagonicas: – *bonito feio*[...]”, conforme Silva Junior e Andrade (1887, p. 122-123, grifo do autor). Para os gramáticos, a sinonímia ocorre quando apresenta palavras de significados iguais ou parecidos, e a antonímia é a ocorrência de palavras com sentido oposto. Os sinônimos, são palavras “[...] de radical diferente e diversa categoria gramatical – tem todavia *idêntico* sentido, ou representam diferenciações significativas de uma idéa principal”, segundo Silva Junior e Andrade (1887, p. 123, grifo do autor).

Desse modo, os sinônimos são classificados conforme a sua natureza, divididos em perfeitos e imperfeitos. Perfeitos “são os que tem idêntico sentido: *encarouchar embruxar, frade freire (frei)* [...] Imperfeitos – os que apenas apresentam entre si relações mais ou menos intimas, mas nunca identidade de sentido”, de acordo com Silva Junior e Andrade (1887, p. 124, grifo do autor). Observa-se que os sinônimos perfeitos possuem ideias equivalentes e os sinônimos imperfeitos estabelecem ideias parecidas. Dessa forma, Silva Junior e Andrade (1887, p. 124-127, grifo do autor) afirmam que são diversos os fatores causadores do fenômeno da sinonímia e, para exemplificação, apresenta-se alguns fatores:

- 1.^a – TENDENCIA POLYONYMICA. – E’ geral, e natural, a tendencia que tem o povo para designar um objecto por mais de um dos seus respectivos caracteres [...]. Ex.: – *diabo, demonio, demo, diacho* [...].
- 4.^a – IMPORTAÇÃO PEREGRINA. – E’ esta uma grande fonte synonymica e inexaurivel: [...] *alvo* (1. *albus*) e *branco* (germ. *blanch*); *ventre* (1. *venter*), *abdomen* (1. *abdomen*), *barriga* (germ. *baldrich*) [...].
- 5.^a – TECHNOLOGIA SCIENTIFICA. – O progresso scientifico e o industrial muito tem concorrido para augmento da corrente synonymica. Ex.: *bexiga* variola, *veneno* toxico, *contraveneno* antidoto [...].
- 6.^a – SEMEIOLOGIA. – [...] *são santo, saldar soldar, confiado atrevido* [...].
- 7.^a – O VOCABULARIO PLEBEU E A GIRA. – *Matasanos* = medico imperito, *sacamollas* = mão dentista, *bisborria* = homem de borra, grosseiro e ridiculo.
- 8.^a – DIFFERENÇAS LOCAES. – São ás vezes devidas á maior influencia de um dos elementos historicos da lingua. No Brazil, por exemplo, deve-se ter em muita conta o elemento indigena e

o africano. Exemplo: *pacova* banana, *gerimum* abobora, *quiabos* quingombô, *calunga* camondongo.

Tais fatores ocorrem seja por denominações variadas para um mesmo objeto; seja pela linguagem literária; neologismo; estrangeirismo, novas palavras, em decorrência de inovações na ciência e indústria; pela semiologia; pelas gírias, variação linguística e regionalismo, entre outras. Silva Junior e Andrade (1887, p. 128, grifo do autor) acrescentam que “os de *radical commum* só differem entre si por certas circumstancias grammaticaes – prefixos e suffixos ou desinencias”. Assim, os sinônimos podem ser formados pelas classes gramaticais dos substantivos, adjetivos, locuções adjetivas, verbos, preposições advérbios e locuções adverbiais, além de fatores sintáticos que decorrem das estruturas das sentenças, e sua etimologia, referente à origem e evolução das palavras.

Diante disso, apresenta-se algumas causas de ocorrência da sinonímia abordada a partir dos substantivos e adjetivos: 1. “Entre substantivos que só defferem em numero”, ex.: “baixeza baixezas”; 2. “Entre adjectivos, um de derivação verbal outro da fôrma nominal correspondente”, ex.: “vibrante (de vibrar) e vibratorio (de vibração)”, conforme Silva Junior e Andrade (1887, p. 129-130). Os autores indicam a formação da sinonímia por meio de verbos, preposições, adjetivos e advérbios: 1. “Entre verbos neutros e os mesmos na fôrma activa reflexa”, ex.: “sahir sahir-se”; 2. “das preposições *a, para*, com as preposições *de, com, por*”, ex.: “servir de, – para; aproximar-se a, – de; acostumar-se a, – com; comparar a, – com; ao menos, pelo menos; afim, com o fim, etc.”; 3. “entre adjectivos e adverbios, e entre adverbios e locuções adverbias”, ex.: “raro, raramente, com raridade; triste, tristemente com tristeza; cegamente, ás cegas; vanmente, em vão; litteralmente, á letra”.

No Quadro 2, elenca-se a relação de sentido que as palavras podem designar:

Quadro 2 – Sinonímia: Relação entre a palavra e o sentido

SYNONIMIA	EXEMPLIFICAÇÃO
Entre palavras que modificam o sentido conforme o logar que occupam na phrase.	verdadeiro amigo, amigo verdadeiro; maltratar, tratar mal [...].
Synonymos syntaxicos – a mudança de logar não raro modifica o sentido das palavras.	Disse Gil Vicente: a quem ouvires chamar bom homem dae-lhe esmola de dó delle; e Vieira sentenciou vae grande differença de ser nosso rei ou de ser rei nosso.

As dissimilaridades de significação explicam-se pela etymologia, pela diferença dos radicaes.	caro querido, carniceria (carnificina) matança mortandade hecatombe.
---	--

Fonte: Elaborado a partir de Silva Junior e Andrade (1887, p. 131)

O fenômeno semântico da sinonímia pode se manifestar em diversos aspectos da palavra, seja na sua raiz, no seu radical, prefixo ou sufixo. No quadro 3, apresenta-se a sinonímia e a sua formação a partir do vocábulo:

Quadro 3 – Sinonímia: relação com o vocabulário

SYNONIMIA	EXEMPLIFICAÇÃO
É do mesmo passo uma força modificadora e um factor de redução do vocabulário.	monja (arch. monga = 1. monacha) archaisou-se pela preferencia dada á fôrma synonymica freira, feminina de freire (= 1. frater); criamentos p. afagos; frontar p. protestar, etc.
A's vezes o vocabulo novo não consegue archaisar o outro já existente, mas altera-lhe o sentido ou restringe-lhe o uso.	comer (= 1. come-d-ere) era de emprego vulgar até o século XV com a significação de jantar (D. D. — L. Cons); depois — pela concurrencia desta fôrma hespanhola — veio a designar simplesmente comida, alimento (Cp. verbos — comer e jantar); eira e area (1. area), obrar e operar (= 1. operare), chão e plano (=1. planus), solteiro e solitario (= 1. solitarius).

Fonte: Elaborado a partir de Silva Junior e Andrade (1887, p. 134-135)

No quadro 5, a obra apresenta a relação modificadora que a sinonímia pode causar nas palavras com o passar do tempo. Para Silva Junior e Andrade (1887, p. 132), o ensino da sinonímia é relevante, pois é por meio dos “[...] synonymos, que nos faz conhecer as distincções philologicas consagradas pelos exemplos de bons escriptores, e habilita-nos a dar mais propriedade e vivacidade á phrase”. Nessa perspectiva, os sinônimos propiciam à língua uma amplitude vocabular. As sinonímias provocam diversificação no léxico da língua materna.

Quanto aos homônimos, “são palavras que, comquanto exprimam idéas diferentes, pronunciam-se do mesmo modo, quer tenham ou não identica orthografia”, afirmam Silva Junior e Andrade (1887, p. 136). As homonímias são divididas em “auriculares” que possuem som e grafia iguais, por exemplo: “canto (aria, melodia, e angulo formado por dous planos, etc) [...]”. Os homônimos homophonos (auriculares) são palavras que possuem grafia distinta e som idênticos, a exemplo de: “[...] concebo – com sebo” e os homônimos “homographos (oculares)” que possuem a escrita igual e a pronúncia diferente: “sabia sabiá – sede sêde”. Segundo os autores, mesmo que uma língua possua uma vasta quantidade de vocábulos não é possível que

não ocorra o fenômeno da homonímia, principalmente nas línguas atuais, e são as palavras homófonas as que possuem maior incidência de termos, de acordo com Silva Junior e Andrade (1887, p. 136-137).

Os parônimos “são palavras de sentido diverso, mas apresentando algumas relações morficas e phonicas, e, ás vezes, – etymologicas: Sujeição sugestão, [...], som são [...]”. A paronímia, pois, é a ocorrência da produção sonora de palavras com características parecidas, a exemplo de “soar suar [...], segredo secreto [...], degredo decreto [...], braga barca [...]”, afirmam Silva Junior e Andrade (1887, p. 139-140).

Na 43ª lição, Silva Junior e Andrade (1887, p. 503, grifo do autor) abordam a ambiguidade ou amphibologia, como uma falha na composição estrutural da sentença, “e’ a “construcção a que se póde dar duplo sentido: *ama o povo o bom rei, a águia matou a pomba no seu ninho*”. Para os gramáticos, a ambiguidade é produzida devido a multiplicidade de interpretações produzida em uma sentença. Verifica-se a preocupação da autoria nas questões relacionadas à semântica, inclusive, ao indicarem o uso da ambiguidade como sendo um vício de linguagem, considerando o processo ensino aprendizagem da norma padrão da gramática da língua portuguesa em sala de aula.

Adequação: obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2016)

O princípio da Adequação procura confrontar o vocabulário e as teorias semânticas apresentadas na gramática “Noções de Grammatica Portuguesa”, de Silva Junior e Andrade (1887), aos termos, conceitos e atividades utilizados no manual didático “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2016), utilizado pelo ensino público do Brasil.

Os professores Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 1) são responsáveis pela elaboração do livro didático, proficientes para esse propósito, visto que Wilton Ormundo é bacharel, mestre e licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia, “professor de Português e diretor pedagógico em escolas de Ensino Médio, em São Paulo, por 19 anos”. A docente Cristiane Siniscalchi, por sua vez, é “bacharela em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo”; atua como “professora de Português e coordenadora de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Médio, em São Paulo, por 23 anos”.

Primeiro aspecto: introdução

Verifica-se na capa do livro didático de Ormundo e Siniscalchi (2016) informações pertinentes como: título; ao ano escolar; editora; data de publicação; selo do Plano Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, adotado nos anos de 2018, 2019 e 2020, com a inscrição do Ministério da Educação; e o selo referente às Políticas Públicas do Programa do Livro de 1937-2017 do governo federal, com o logo de 80 anos e a inscrição do Ministério da Educação. O manual didático de Ormundo e Siniscalchi (2016) apresenta uma capa muito colorida e algumas imagens, divergindo do manual didático de Silva Junior e Andrade (1887) que não apresenta nenhuma cor ou ilustração.

Nota-se que a obra de Ormundo e Siniscalchi (2016) e Silva Junior e Andrade (1887) inserem uma “Apresentação” nas obras. Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 3) procuraram mostrar aos estudantes o empenho pelo qual eles se dedicaram a escrever o seu manual escolar, reforçando que os “jovens nos movem e nos incentivam a entrar em sala de aula todos os anos, a pesquisar métodos de ensino-aprendizagem [...] e a escrever obras como esta”.

Conforme Silva Junior e Andrade (1887), é reafirmado o compromisso com os estudantes, da mesma forma que Ormundo e Siniscalchi (2016). A princípio, os autores do século XIX explicam que o objetivo inicial seria de produzir uma gramática geral e abrangente, porém, em decorrência do programa para os exames gerais de preparatórios “[...] veio fazernos mudar de propósito. É que muitos dos pontos nelle exigidos [...] não se encontram nas grammaticas que por ahi correm impressas”, esclarecem Silva Junior e Andrade (1887, p. 3).

Além disso, os autores do manual didático do século XIX apresentam a definição de gramática histórica ou comparativa “como instrumento verificadores de linguagem”. Ademais, é ressaltada a importância dessa gramática, pois por meio dela é possível analisar, reconstituir e conhecer a origem das palavras. Na sequência, é abordada a definição de gramática descritiva

ou expositiva, responsável pela “codificação empírica, a exposição analítica dos fatos da linguagem. Desse modo, “não investiga as causas, nem explica as leis”. Seu objetivo é “classificar, definir, e exemplificar os materiais linguísticos”. Nessa perspectiva, Silva Junior e Andrade (1887, p. 6-7) afirmam que o objeto da gramática portuguesa é “[...] o estudo geral, descritivo, histórico, comparativo e coordinativo, [...] o domínio da língua portuguesa, dos factos da linguagem e das leis que os regem”. Assim, os autores apresentam as diferenças entre os diversos tipos de gramáticas, suas características, aplicações e usos específicos, orientando o aluno para qual objetivo cada gramática se destina.

Na obra “Se liga na língua: literatura, produção textual e linguagem”, Ormundo; Siniscalchi (2016, p. 248) não trazem definições e distinções entre as gramáticas, apenas apresentam um boxe sobre qual estilo de língua é utilizado “[...] a norma-padrão, um modelo de uso da língua construído com base na análise de textos escritos de portugueses e brasileiros cultos, muitos deles autores de séculos ou décadas passadas”. A explicitação do estudo gramatical adotado no livro didático é fundamental para o aprofundamento dos estudos linguísticos no Ensino Médio, por meio, também, das atividades específicas de semântica. Neste confronto, observa-se que a preocupação em expor as definições dos vários tipos de gramáticas concentrou-se nos autores do século XIX.

Segundo aspecto: organização

A organização trata da estrutura da obra e, devido à grande extensão do conteúdo do sumário original, não é apresentado na íntegra, mas sem prejuízo para a análise. Elaborou-se um sumário da obra, mais sucinto, a fim de apresentar a organização, de modo objetivo e direto da obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 – Organização da obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”

SUMÁRIO

<p>LITERATURA PRODUÇÃO TEXTUAL</p>	<p>LINGUAGEM</p> <ul style="list-style-type: none"> • CAPÍTULO 20 – Os vários sentidos de um texto Pra começar Relações de sentido Refletindo sobre a língua Polissemia, sentido denotativo e sentido conotativo Refletindo sobre a língua Para dar mais um passo O dicionário e o sentido das palavras Você já viu isso antes
--	---

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016)

No Quadro 8, verifica-se o conteúdo de linguagem a ser analisado. A obra está dividida em unidades e capítulos, destinados para Literatura, Produção Textual e Linguagem, cada área do ensino da língua portuguesa inicia-se com uma ilustração e um texto específico para aquele seguimento. Os capítulos e as unidades apresentam algumas diferenciações na estrutura de acordo com o assunto tratado.

É relevante pontuar que o estudo da semântica nesta obra está inserido na seção referente à linguagem: na unidade 10 “Linguagem, comunicação e sentido”; no capítulo 20 “Os vários sentidos de um texto”, seção: “Relações de sentido”; pois, para Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 297), a semântica é “a relação das palavras com o mundo e a produção de sentidos [...]”. Em contraponto, verifica-se que o material didático “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem” aborda de modo conceitual a semântica, possibilitando ao aluno uma melhor compreensão sobre o assunto em oposição à obra “Noções de Grammatica Portuguesa” que, apenas, estabelece um comentário sobre a semântica, considerando-a uma anomalia gramatical. Na obra de Ormundo e Siniscalchi (2016), é apresentado um sumário, exibindo os conteúdos desenvolvidos no livro. Em oposição, Silva Junior e Andrade (1887) estabeleceram um índice, no final da obra, para expor seu conteúdo didático.

Nota-se que o livro didático “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem” apresenta uma organização divergente da obra “Noções de Grammatica Portuguesa”, de Silva Junior e Andrade (1887), pois Ormundo e Siniscalchi (2016) abordam com charges, reportagens jornalísticas, ilustrações, publicidade, atividades para fixação, além de abordar outros aspectos semânticos e, na obra do século XIX, esses recursos não são utilizados. Na obra do século XIX, a abordagem é desenvolvida de modo mais teórico,

elencando os fatores que ocasionam cada fenômeno semântico; todavia, os autores não trazem atividades e, também, não tratam de todos os fenômenos semânticos.

Terceiro aspecto: semântica

O terceiro aspecto de análise inicia-se pela apresentação da quantidade de atividades referentes aos fenômenos semânticos selecionados na obra, assim como as indicações dos capítulos, unidades, seções e atividades nas quais se encontram esses fenômenos, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 – Atividades de semântica apresentadas na obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”

UNIDADE	CAPÍTULO	SEÇÃO	FENÔMENO SEMÂNTICO	ATIVIDADE
9	17	Você já viu isso antes?	Sinonímia	1
			Homônimos e parônimos	4
10	20	Refletindo sobre a língua	Sinonímia	1
			Hipônimos e hiperônimos	1
			Ambiguidade	1
			Ambiguidade	2
			Polissemia	2
11	22	Refletindo a língua	Hipônimos e hiperônimos	1

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016)

Neste artigo, a análise não apresenta todo o conteúdo de semântica da obra, porém, aborda algumas atividades para o confronto com a obra do século XXI. Principia-se, com isso, a partir da unidade 9, capítulo 17, na seção “Você já viu isso antes”, subseção: “Homônimos e parônimos: equívocos comuns”. Os autores apresentam a charge de Francisco Camargo, na Figura 3:

Figura 3 – Charge de Francisco Camargo



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 254)

Na charge (Figura 3), o personagem chega até o atendente e pede uma informação. Essa atividade se refere ao fenômeno semântico da homonímia. É, pois, solicitado que seja realizada a leitura e as atividades da charge. Na Questão 3, é proposta a interpretação do sentido expresso nas palavras “seção” e “sessão”. Na Questão 4, os autores solicitam ao aluno que ele possa inserir outra palavra que estabeleça relação com as palavras “seção” e “sessão”, além de definir qual o significado desse outro vocábulo apresentado pelo aluno. Na Questão 5, é necessário explicar por qual motivo não é possível distinguir por meio da oralidade o emprego errôneo das palavras “alto-ajuda” e “sessão”. Os autores têm o objetivo de proporcionar ao aluno uma prévia sobre o assunto que será abordado, por meio dessa atividade introdutória. Na obra do século XIX, os autores não empregam atividades anteriores ou posteriores ao conteúdo, inserindo, apenas, a teoria seguida de exemplos.

Nesse contexto, Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 255) apresentam a definição de homônimos e parônimos para que o aluno possa reconhecer a qual aspecto semântico pertence os vocábulos “seção” e “sessão”. Para homônimos, “termo que identifica vocábulos com a mesma pronúncia ou escrita, mas sentidos diferentes”. E, para parônimo, indicam que são “palavras semelhantes na grafia e na pronúncia, como *cumprimento* e *comprimento*”.

Verifica-se que Ormundo e Siniscalchi (2016) conceituam e exemplificam as homonímias e paronímias, todavia, não as relacionam à semântica, da mesma forma que Silva Junior e Andrade (1887). Os gramáticos Silva Junior e Andrade (1887) definem de auriculares os homônimos perfeitos, além de estabelecerem as causas que provocam a ocorrência das

homônimas e das parônimas, essa informação não é apresentada por Ormundo e Siniscalchi (2016). Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 255) observam que os “homônimos e parônimos são responsáveis por parte significativa dos equívocos cometidos pelos usuários da língua que pretendem empregar as variedades urbanas de prestígio”. Do mesmo modo, Silva Junior e Andrade (1887, p. 137) salientam que “[...] as homonymias resulta os trocados de palavras ou equívocos [...]”.

Dando sequência, na unidade 10, capítulo 20, seção “Relações de sentido”, os autores Ormundo e Siniscalchi (2016) apresentam o anúncio da campanha “Álcool e condução” em que se constituem os aspectos semânticos da sinonímia e da antonímia, conforme a Figura 4:

Figura 4 – Anúncio da campanha “Álcool e condução”



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 298)

Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 299) apresentam no anúncio (Figura 4) a utilização do verbo “conduzir”. Verifica-se que poderia ser o verbo “dirigir”, pois “embora, na língua portuguesa, eles sejam sinônimos, o primeiro verbo não costuma aparecer em campanhas produzidas no Brasil, que preferem o segundo”. Os autores complementam dizendo que certas sutilezas de significação e de uso – como pertencer a uma variação linguística regional ou social específica – fazem com que praticamente não haja “sinônimos perfeitos”. Do mesmo modo, é difícil encontrar um par de “antônimos perfeitos”.

Ormundo e Siniscalchi (2016) ressaltam a dificuldade em se encontrar sinônimos e antônimos absolutos devido ao regionalismo e às diferentes classes sociais, pois são esses

fatores que determinam os vocábulos da língua portuguesa em uso, promovendo as dificuldades em se estabelecer a equivalência das palavras sinônimas e antônimas idênticas. Em comum acordo com os autores da obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem”, Silva Junior e Andrade (1887), também, concordam que a variação linguística existente no Brasil, decorrente de sua miscigenação linguística, cultural e identitária, dificulta o fenômeno da sinonímia e antonímia perfeitas. Entretanto, os autores da obra do século XIX acrescentaram as causas para a formação dos sinônimos.

Nessa perspectiva, a obra do século XXI aponta que os sinônimos e os antônimos possuem aspectos de igualdade e de contradição. Mediante a isso, os autores conceituam, tanto os sinônimos quanto os antônimos. Os sinônimos são palavras de “[...] sentidos equivalentes ou aproximados em determinados contextos e os antônimos são palavras que revelam sentidos opostos”, de acordo com Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 299). Os autores abordam esse assunto de modo criativo, pois utilizam recursos visuais da publicidade para tornar o ensino atrativo, estimulando o interesse do aluno na aprendizagem dos aspectos semânticos da sinonímia e da antonímia. Silva Junior e Andrade (1887) não utilizam nenhum recurso visual em seu manual didático, no entanto, apontam as causas e exemplificam apenas os sinônimos, impossibilitando ao aluno o conhecimento das causas que provocam os antônimos, uma vez que, em seu manual didático, as antonímias são, apenas, citadas junto dos sinônimos fazendo parte da “Família Ideológica”.

Em contraste com os autores da gramática do século XIX, Bechara (2009, p. 493) gramático contemporâneo, conceitua sinonímia como “[...] o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística”. Por sua vez, a antonímia, segundo Bechara (2009), se caracteriza pela relação de significado divergente entre os vocábulos. Abrahão (2018, p. 120) acrescenta que “a sinonímia e a antonímia referem-se à propriedade das línguas de possuírem sinônimos e antônimos ou, ao fato de haver sinônimos e antônimos”. De acordo com a autora, sinonímia são vocábulos com sentido equivalente ou idêntico e antonímia são palavras com sentido oposto (Abrahão, 2018).

Para Cançado (2008, p. 41), a “sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões”, alertando, inclusive, que tal definição se trata de uma questão complexa. A autora

indica que uma das definições poderia ser “sinonímia é identidade de significados”, porém, em virtude de se tratar de uma afirmação ampla “exige um certo refinamento”. Cançado (2008, p. 45) afirma que a definição de antonímia “como sendo uma oposição de sentidos entre palavras” não é suficiente, justificando que “os sentidos das palavras podem se opor de várias formas”, até mesmo que certas palavras nem tenham um oposto verdadeiro. Além disso, a sinonímia lexical, conforme Ilari e Geraldi (2006, p. 43), consiste em “uma relação estabelecida entre palavras”. Os autores, também, indicam que sinonímia “é identidade de significação”, considerando muitas ressalvas, entre as quais a sinonímia de palavras depende do contexto em que são utilizadas. Referente à antonímia, Ilari (2010, p. 26) ressalta que se trata de uma “relação de oposição” entre os vocábulos.

Os resultados encontrados indicam que as duas obras analisadas apresentam tanto continuidades quanto descontinuidades em relação às abordagens, exemplificações, atividades e conceituações dos aspectos semânticos. Averiguou-se que as obras didáticas incorporaram os aspectos semânticos em seus conteúdos, enfatizando a importância dessa ciência para a apropriação linguística dos alunos do Ensino Secundário, na obra do século XIX, e continua a desempenhar um papel fundamental no Ensino Médio na obra do século XXI. Isso se deve ao fato de que a semântica é parte constitutiva da gramática da língua portuguesa. Mediante a isso, este estudo aponta para a importância de uma abordagem integral da semântica no contexto educacional como promotora de uma competência linguística crítica. Encerra-se o princípio da Adequação, e, por conseguinte, trata-se das considerações finais e as referências. A seguir a quarta sessão: considerações finais.

Considerações finais

Este artigo buscou oferecer uma visão geral da abordagem semântica, no recorte temporal, do material didático “Noções de Grammatica Portuguesa”, de Silva Junior e Andrade (1887), em comparação com um livro didático contemporâneo, sob a perspectiva da historiografia linguística. Verificou-se, pois, que há embasamento teórico das gramáticas histórico-comparativas alicerçadas nos aspectos evolutivos das línguas, todavia, a obra analisada não deixou os alunos alheios aos estudos linguísticos inovadores, a exemplo do

próprio estudo da semântica que, para a época, se tratava de uma ciência recente. Os autores não classificam os aspectos semânticos de modo a constituir o estudo da semântica, esses fenômenos são incorporados a outras estruturas gramaticais, assim, o termo semântica é referenciado de modo conciso, e considerado uma anormalidade gramatical. Não obstante, o manual didático não fornece atividades para exercitar os conhecimentos teóricos abordados na obra tais como: sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e ambiguidade.

A obra “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem” de Ormundo e Siniscalchi (2016), diferentemente, apresenta os aspectos semânticos de modo dinâmico com a abordagem de conceitos, exemplos e atividades de fixação dos fenômenos semânticos da homonímia, paronímia, polissemia, sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e ambiguidade, proporcionando ao aluno uma melhor assimilação do conteúdo. Mediante a isso, cabe ressaltar que esta reflexão surgiu da necessidade de contribuir para o ensino e aprendizagem da língua materna, por meio do conhecimento da semântica, com enfoque nas obras didáticas dos séculos XIX e XXI, uma vez que o estudo da significação promove o conhecimento e aprimoramento da língua materna, possibilitando o desenvolvimento das habilidades linguísticas necessárias para a produção, interpretação e compreensão textual. Ainda, é possível constatar o aumento da presença da semântica nos materiais didáticos quando compara-se as duas obras. Essa constatação é pertinente, visto que o livro didático é o principal instrumento para o acesso ao conhecimento, facilitando a compreensão e a assimilação dos conteúdos curriculares. Assim, por se tratar de uma ciência abrangente, a semântica se insere em diferentes áreas do saber, ratificando a sua relevância para o desenvolvimento intelectual, leitor, crítico e criativo do aluno.

Referências

ABRAHÃO, Virgínia Beatriz Baesse. *Semântica, enunciação e ensino*. Vitória: EDUFES, 2018.

ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526>.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. O fazer historiográfico: dimensões/ parâmetros externos e internos. *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman* / [Pierre Swiggers [et al.]; organização Ronaldo de Oliveira Batista, Neusa Maria Barbosa Bastos. - 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, p. 94-113, 2020.

BASTOS. Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA. Dieli Vesaro. *História, entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; CASAGRANDE, Nancy. Um percurso transcorrido na historiografia da linguística: sobre a história entrelaçada. In: *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, p. 511-521, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1910>.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Ensino de língua, livros didáticos e história: relações vistas pela historiografia da linguística. In: **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 32, n. 1, p. 155174, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/150191>.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Vozes, 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. Gramática brasileira e o método científico. *Revista de filologia e linguística portuguesa*, n. 9, p. 27-42, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59771>.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino de língua portuguesa*. 4. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2027.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KÖERNER, Ernst Frideryk Korand. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista ANPOLL*, Florianópolis, n. 2, p. 45-70, 1996. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/240>

LYONS, John. *Semântica linguística: uma introdução*. Ediciones Paidós Ibérica, S.A., Mariano Cubí, Barcelona, 1997.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

NOGUEIRA, Sônia Maria. *Língua portuguesa: ensino em Portugal e no Brasil, na segunda metade do século XIX, em uma perspectiva historiográfica*. São Luís: EDUEMA, 2021.

NOGUEIRA, Sônia Maria. *Língua portuguesa no Maranhão do século XIX sob o enfoque historiográfico*. São Luís: EDUEMA, 2015.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. São Paulo: Moderna, 2016.

PALMA, Dieli Vesaro; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. Os princípios da análise historiográfica e a contribuição de Cristina Altman para a Historiografia da linguística no Brasil. In: *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman* / [Pierre Swiggers [et al.]; organização Ronaldo de Oliveira Batista, Neusa Maria Barbosa Bastos. - 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, p. 74-93, 2020.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. Historiografia linguística; um percurso. In: *VERBUM*, v. 8, n. 1, p. 6-18, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/issue/view/2020>

SILVA JUNIOR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira. *Noções de grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: J. G editor 1887.

SILVEIRA, Larissa de Farias; NASCIMENTO, Silvânia Aparecida Alvarenga; NOGUEIRA, Sônia Maria. Catalogação e identificação da semântica no livro didático de língua portuguesa, 9º ano, de Cereja e Cochar (2015), em Imperatriz-MA. In: *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 25, n. 75, p. 1070-1079, 2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/748>

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (org.). *História e memórias da educação no Brasil*: vol. II: século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005.

SWIGGERS, Pierre. *História e Historiografia da Linguística*: Status, Modelos e Classificações. Revista Eutomia - Ano III - Volume 2, 2010.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Recebido em: 10 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 05 de maio de 2025.